

PODER E POESIA: A IMAGEM DE AUGUSTO NA LITERATURA DO INÍCIO DO PRINCIPADO

Ana Lucia Santos Coelho¹

RESUMO: Ao longo de seu governo, o imperador Augusto concentrou títulos e poderes que lhe permitiram controlar a vida pública romana. O consulado, a aura religiosa advinda do título de *Augustus*, o comando supremo dos exércitos, entre outros, contribuíram para elevar sua autoridade acima das instituições republicanas. Porém, a legitimação do poder do *princeps* não pautou-se somente na concentração de poderes e títulos republicanos. De fato, o soberano também utilizou um sistema cultural capaz de auxiliar na consolidação de seu poder e na edificação de um consenso positivo acerca do seu governo. Nesse sentido, estimulou a produção literária de sua época, entendendo que as obras de determinados poetas latinos seriam de grande valia na obtenção de tal consenso. Assim, o objetivo desse artigo é analisar de que modo Virgílio, Horácio, Propércio, Tibulo e Ovídio representaram o poder imperial em seus versos.

PALAVRAS-CHAVE: Principado romano; Augusto; Literatura; Poder, Representação.

ABSTRACT: Throughout his rule, the Emperor Augustus accumulated honors and powers that allowed him to control the Roman public life. The consulship, the almost religious aura arising from the Augustan rank, the total command of the armies, among others, helped increase his authority over the republican institutions. However, the legitimacy of the *princeps's* might did not rely solely on the concentration of republican powers and titles. In fact, the sovereign also used a cultural system capable of assisting in the consolidation of his power and in building a positive consensus about his government. In this sense, he stimulated the literary production of his own times, bearing in mind that the works of Latin poets would be of great value in achieving that consensus. That said, the aim of this work is to analyze the ways in which Virgil, Horace, Propertius, Tibullus and Ovid depicted the imperial power in their verses.

KEYWORDS: Roman Principate; August; Literature; Power, Representation.

A construção de um novo sistema político por Augusto não foi resultado apenas de um processo de concentração de poderes e títulos republicanos em suas mãos. De fato, o Principado, como afirma Gilvan V. Silva (2001, p. 49), implicou

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail para contato: ana.scoelho@hotmail.com

também a criação de um sistema cultural capaz de nortear as ações políticas desenvolvidas pelo *princeps*, visando a quatro objetivos: conquistar partidários para a sua causa, debelar os focos de oposição ao novo regime, justificar tais ações perante a sociedade e permitir aos envolvidos no processo a compreensão daquilo que se passava.

Para alcançar tais objetivos, Augusto atuou em quatro frentes, a saber: a arquitetura, com a reforma dos monumentos da cidade de Roma; a moralidade, com o investimento numa legislação visando à reforma dos costumes; a religião, com uma política de revitalização dos rituais e cultos tradicionais, e a literatura, com a canalização das obras literárias para a consolidação de seu poder. Ao nos debruçarmos, especificamente, sobre esta última frente, observamos a existência de uma categorização baseada na cronologia dos governos imperiais, destacando-se, por exemplo, uma literatura “do” período de Augusto, “do” período de Nero, ou “do” governo de Vespasiano. Como desdobramento dessa perspectiva temos, então, o surgimento de uma “literatura augustana”.

Ora, sabemos que classificar é uma operação delicada em que o classificador se defronta com muitos riscos, entre os quais um obscurecimento da continuidade da literatura e das características próprias de cada segmento literário e uma padronização das relações entre literatura e poder político. Quanto a isso, cabe aqui um questionamento inicial: o que, de fato, queremos dizer quando falamos de uma “literatura augustana”? Seria aquela constituída a partir de uma abordagem apologética do governo de Augusto? Aquela que estaria inserida nos marcos temporais do Principado? Ou, ainda, aquela que somente registraria as ações do *princeps*? Escolha difícil de realizar.

Ainda assim, acreditamos que a expressão “literatura augustana” remeta, de certa forma, a um período de maturidade literária de vários poetas que trabalharam temas como o amor, as festividades cívicas e a religião com engenho e originalidade. Nesse sentido, Citroni (2009, p. 8) defende que, nos últimos séculos, os estudiosos de literatura latina consideraram Virgílio, Horácio e Ovídio os principais exemplos de grandeza e maturidade da poesia romana. O fato de as obras desses três poetas terem sido compostas durante o governo de Augusto – que também testemunhou a emergência de outros poetas importantes, como Tibulo e Propércio – contribuiu para uma visão diferenciada desse período como uma época de esplendor poético. O autor discute a possibilidade de haver uma conexão entre a excelência da produção poética

daqueles anos e o sucesso político de Augusto, pois a relação entre literatura e poder político parece ser uma das chaves de compreensão da poesia augustana:

Augusto mantinha um contato pessoal com Virgílio, com Horácio, e com outros poetas, e seu colaborador próximo, Mecenas, foi um amigo generoso e patrono de muitos dos poetas líderes do período. É claro que havia a intenção de estimular a produção poética, e orientá-la adequadamente, de modo a criar e consolidar a imagem de Augusto como o fundador de um novo período de esplendor ainda maior para Roma, depois dos desastres das guerras civis (Citroni, 2009, p. 8).

Ao desenvolver suas ideias, Augusto tinha em mente a importância da criação de uma imagem de si como o defensor das tradições cívicas e morais romanas bem como da consolidação de um consenso positivo acerca do seu governo. Nesse sentido, concordamos com Citroni (2009, p. 14) quando afirma que o imperador percebeu que os poetas, ao escreverem suas obras, seriam de grande valia na obtenção desse consenso, ajudando-o a consolidar a sua posição perante a sociedade romana.

Para Wallace-Hadrill (2008, p. 292-293), a partir de Augusto, a literatura latina se tornou cada vez mais atrelada ao domínio do imperador e de outros aristocratas patronos das letras, como, por exemplo, Valério Messala e Caio Cílnio Mecenas.² Assim, os escritores deveriam atentar para o fato de que, agora, escreviam sob o regime de um imperador e, apesar de este nem sempre “encomendar” textos aos autores, com certeza exercia influência sobre a produção literária da época. E mais importante que isso: os escritores precisavam ter consciência de que o imperador sempre estaria presente como um potencial leitor.

Sobre a influência do imperador, Myers (2006, p. 439) defende que o *princeps*, atento à importância da literatura para a construção de sua imagem, criou várias oportunidades para a produção literária, resultando no volume e na diversidade de obras elaboradas por Virgílio, Horácio, Propércio, Tibulo e Ovídio. De todos esses poetas, Públio Virgílio Maro (70 a.C. – 19 a.C.) foi um dos mais próximos a Augusto. Autor de diversas obras, três, em especial, o consagraram como um grande poeta da Antiguidade: *Bucólicas*, escrita entre 40 e 30 a.C., *Geórgicas*, em 29 a.C., e *Eneida*, composta entre 29 e 19 a.C. (Conte, 1999, p. 250-263). Entre as três, a última é aquela que domina “[...] o século de Augusto e o exprime, uma obra que, mal foi publicada, era já um clássico, que os estudantes aprendiam de cor e da qual mãos

² Conte (1999, p. 258-259) esclarece que Mecenas integrou não apenas o círculo literário do Principado, mas também, durante muitos anos, o círculo político do imperador, assumindo o cargo de conselheiro de Augusto.

inábeis rabiscaram versos em todos os muros, mesmo nas cidades mais remotas do Império [...]” (GRIMAL, 2008, p. 72).

Não há consenso entre os historiadores se a *Eneida* foi escrita espontaneamente por Virgílio ou composta a pedido do próprio imperador. De qualquer forma, Syme (2002, p. 466) sustenta: “Augusto foi afortunado singularmente em descobrir [...] um homem cujos versos e sentimentos harmonizavam tão facilmente com suas próprias ideias e políticas”. A consciência dessa harmonia por parte do imperador pode ser observada em sua impaciência diante da finalização da obra virgiliana:

Augusto interessava-se pelos progressos do poema. Quando se encontrava na Hispânia, escrevia a Virgílio a pedir-lhe que lhe enviasse notícias do seu *Eneias*. Virgílio desculpava-se, alegando a enormidade da tarefa empreendida. Mas Augusto impacientava-se e pedia-lhe que se apressasse, como se a sorte do regime dependesse da diligência do poeta (Grimal, 2008, p. 73).

O *princeps*, de acordo com Grimal, parecia contar com a *Eneida* para auxiliá-lo na exposição dos valores que fundamentariam uma nova era. A nosso ver, Augusto ansiava pela obra na medida em que, por se tratar de um poema mitológico e enaltecedor das tradições romanas, poderia celebrar seus feitos pretéritos e recentes bem como o regime imperial que então se constituía.

A *Eneida* é um poema épico escrito em versos hexâmetros, composto por doze livros e 9.826 versos que narram a história de Eneias, príncipe troiano egresso da guerra com a missão de fundar uma nova Troia. Nos quatro primeiros livros, Virgílio mostra Eneias recebendo dos deuses sua missão; nos livros V-VIII, apresenta os ritos que tornarão Eneias o pai da pátria, e nos últimos, IX-XII, apresenta o Magno Eneias unindo-se ao arcádio Evandro e ao etrusco Tarcão e triunfando diante de Turno, rei dos rútilos (Cardoso, 2011, p. 11-13). É no Livro VIII, segundo Albrecht (1997, v. 1, p. 672), que Evandro apresenta a Eneias as futuras terras onde se ergueria Roma e lhe entrega as armas forjadas por Vulcano, a pedido de Vênus – mãe de Eneias. Entre as armas, há um escudo em que estão desenhadas cenas da futura história romana. Justamente na parte central desse escudo está representada a batalha de Ácio, momento de vitória decisiva para a consolidação do poder de Otávio, futuro Augusto:

No meio, dava para ver as armadas de bronze, a guerra de Ácio, e via-se que todo o Leucates fervia, Marte instruindo-o, e as ondas resplandecerem de ouro. De um lado César Augusto, conduzindo os ítalos para a batalha com os senadores, o povo, os deuses Penates e os grandes deuses, de pé sobre a popa elevada, a que o seu rosto alegre lança chamas duplas e a constelação do seu pai abre-se sobre sua cabeça (*Aeneid*, VIII, 675-679).³

De acordo com Marinho (2010, p. 79-80), “a descrição [desse] escudo conta uma narrativa da história romana vista pelos olhos do poeta e intencionalmente construída a fim de enaltecer a figura de Augusto [...]”. Não somente a descrição do escudo mostra a valorização da figura imperial por parte de Virgílio, mas também a própria escolha da personagem principal. No poema, o filho de Vênus pertence à *gens Iulia* (da qual também descendiam Júlio César e Augusto), o que demonstra a vinculação entre o príncipe troiano e o *princeps* romano, forjando-se, portanto uma linhagem divina.

Contemporâneo de Virgílio, o poeta Quinto Horácio Flaco, nascido em 65 a.C., também contribuiu para a legitimação política de Augusto, “[...] e talvez, tanto mais eficazmente quanto pareceu, durante muito tempo, não querer colaborar [...]” (Grimal, 2009, p. 163).

Em 38 a.C., quando contava com aproximadamente 27 anos, Virgílio e o poeta Varro apresentaram Horácio a Mecenas, homem das letras e patrono dos escritores. Nove meses depois, este último o admitiu em seu círculo de amigos, presenteando-o, mais tarde, com uma propriedade rural na região da Sabina, que proporcionou a Horácio segurança e distanciamento das inconveniências da vida em Roma. Dessa data em diante, sua carreira foi marcada pela publicação de vários trabalhos que aludiam, em alguns momentos, à sua amizade com Mecenas ou aos feitos do imperador (Conte, 1999, p. 292-293). Entre as obras mais conhecidas de Horácio, temos os *Epodos*, escritos entre 41 e 30 a.C., as *Sátiras*, em 35 a.C., as *Odes*, no ano 23 a.C., e o hino *Carmen Saeculare*, em 17 a.C. Foram estes dois últimos trabalhos que revelaram, mais especificamente, a tendência apologética em relação ao governo de Augusto (Albrecht, 1997, p. 715).

³ *In medio classis aeratas, Actia bella, cernete erat, totumque instructo Marte uideres feruere Leucaten auroque effulgere fluctus. Hinc Augustus agens Italos in proelia Caesar cum patribus populoque, penatibus et magnis dis, stans celsa in puppi, geminas cui tempora flammis laeta uomunt patriumque aperitur uertice sidus. Parte alia uentis et dis Agrippa secundis arduos agmen agens; cui, belli insigne superbum, tempora nauali fulgent rostrata corona.*

A respeito das *Odes*, Cardoso (2011, p. 66-68) comenta que são agrupadas em quatro livros, variando quanto a métrica, extensão, assunto, estilo e tema. Com essa obra, Horácio discorre sobre o amor, os prazeres do vinho, a alegria da vida, as lendas mitológicas e o poder do *princeps*. Nesse sentido, o livro IV das *Odes* é aquele no qual vemos Horácio enaltecer abertamente a pessoa do imperador: “Você irá cantar sobre os dias alegres e sobre os jogos públicos da cidade para homenagear o retorno do bravo Augusto” (*Odes*, IV, 2, 41-44);⁴ “Restaure a luz para a sua terra, líder gentil. Desde que a presença tua, qual primavera, resplendeu ao povo, se vai mais grato o dia e brilham mais os sóis” (*Od.*, IV, 5-8).⁵ Adiante, Horácio declara ainda: “Augusto, com atenção pelo Senado e povo romano, oferecendo títulos nobres listados em inscrições ou nos anais, pode sempre immortalizar seus méritos, grande líder [...]” (*Od.*, IV, 14, 1-5).⁶

Sobre as referências horacianas a Augusto, Gilvan V. Silva (2001, p. 37) comenta que são, o mais das vezes, esparsas e não constituem um sistema coerente. Em diversas ocasiões, afirma o autor, Horácio negou os pedidos de Mecenas ou mesmo do imperador para que realizasse uma exaltação irrestrita do regime, defendendo, para tanto, que preferia manter a sua autonomia na eleição dos temas dignos de celebração. A constatação de tal autonomia artística, porém,

[...] não invalida o fato de o poeta ter se mostrado, em diversas ocasiões, suficientemente motivado para tratar de assuntos que diziam respeito à situação política vigente em sua época, e pelo menos em uma oportunidade, quando da celebração dos Jogos Seculares, foi encarregado por Augusto de elaborar uma composição laudatória e edificante. (Silva, 2001, p. 37)

De fato, em 17 a.C. Horácio compôs um hino para celebrar os *Ludi Saeculares* (Jogos Seculares) – festividade religiosa de origem etrusca, que aconteceu poucas vezes na história de Roma e cuja realização marcava o começo de uma nova era, um novo século, em que toda a tradição seria reabilitada. O hino composto pelo poeta recebeu o nome de *Carmen Saeculare* e foi cantado, segundo Frank (1921, p. 324), por um coro de 27 moças e 27 rapazes, em frente ao templo de Apolo, no monte

⁴ *Concines laetosque dies et urbis publicum ludum super impetrato fortis Augusti reditu forumque litibus orbem.*

⁵ *Lucem redde tuae, dux bone, patriae; instar ueris enim uultus ubi tuus adfulsit populo, gratior it dies et soles melius nitent.*

⁶ *Quae cura patrum quaeue Quiritium plenis honorum muneribus tuas, Auguste, uirtutes in aeuum per titulos memoresque fastus aeternet, o qua sol habitabilis.*

Palatino. Várias das estrofes desse hino foram destinadas ao *princeps*, citado como o mais “ilustre descendente de Vênus e Anquises” (*Carmen Saeculare*, 50).⁷ Para avaliar a importância do *Carmen Saeculare* é necessário compreender que se trata de um hino religioso, uma vez que suas personagens principais são os deuses Apolo e Diana. Nesse sentido, o canto apresenta as virtudes desses deuses, como *pax*, *fides*, *pudor*, *honor*, enfatizando que todo cidadão romano deveria cultivá-las em acordo com o exemplo divino. Horácio, no entanto, traz uma novidade: a conversão de Augusto em um líder divinizado capaz de inaugurar uma nova era em Roma (Martino, 2005-2006, p. 217-228).

Outro poeta que contribuiu para a consolidação da imagem imperial foi Sexto Propércio. Nascido na Úmbria entre os anos 49 e 47 a.C., ele também integrou o círculo de Mecenas, “[...] provavelmente em 28 a.C., após a publicação do seu primeiro livro de poemas, e sua familiaridade com outros poetas que já faziam parte do [grupo], especialmente Virgílio [...]” (Conte, 1999, p. 331). Cardoso (2011, p. 75-76) comenta que Propércio compôs, sobretudo, elegias amorosas, produzindo um retrato feminino rico em detalhes a partir da figura de uma liberta de nome Cíntia. São quatro os livros de *Elegias* escritos pelo poeta, provavelmente entre 28 e 22 a.C. Nesse conjunto, 73 elegias se ocupam do amor e, na maioria delas, sua musa Cíntia se faz presente.

Acredita-se que Mecenas tenha insistido com Propércio para que, a exemplo de Virgílio e de Horácio, colocasse sua inspiração a serviço da política imperial, escrevendo também sobre temas patrióticos ou cívicos (Griffin, 2005, p. 316). O poeta, todavia, parecia preocupar-se apenas em cantar o seu amor por Cíntia, afirmando: “[...] a Virgílio agrade poder cantar sobre Ácio, litoral guardado por Febo e pela poderosa frota de César” (*Elegias*, II, XXXIVb, 61-62).⁸ Além disso, argumentava que “[...] se todos os homens levassem uma vida como esta e permanecessem com o corpo saciado de vinho, não haveria o ferro cruel e nem o navio de guerra, nem o mar de Ácio agitaria os nossos ossos” (*Eleg.*, II, XV, 40-44).⁹

Farrell (2005, p. 49), contudo, observa que a partir do segundo livro das *Elegias*, Propércio “[...] encontra em Augusto um tema digno da sua atenção”. Na

⁷ [...] *clarus Anchisae Venerisque sanguis*.

⁸ *Actia Vergilium custodis litora Phoebi, Caesaris et fortis dicere posse ratis*.

⁹ *Qualem si cuncti cuperent decurrere vitamet pressi multo membra iacere mero, non ferrum crudele neque esset bellica navis, nec nostra Actiacum verteret ossa mare*.

segunda elegia, o poeta descreve a beleza e a suntuosidade do templo de Apolo, construído no contexto das reformas religiosas e políticas do *princeps*:

O pórtico dourado de Apolo foi inaugurado pelo grande César. Em suas colunas fenícias várias imagens se exibiam aos olhos e, entre elas, as das numerosas filhas do velho Dânao. A estátua marmórea de Febo, mais bela que o próprio Febo, me pareceu como se entoasse uma canção [...]. No meio de tudo erguia-se o templo, de mármore brilhante e mais caro ao deus que sua pátria [...] (*Eleg.*, II, XXXI, 1-11).¹⁰

Mais adiante, no livro III, a temática começa a variar. As elegias de amor ainda estão presentes, porém, ao lado delas, surgem as primeiras elegias de teor político. Propércio, agora, envereda por um novo rumo, escrevendo poemas sobre os triunfos imperiais e, saudando o imperador pela sua vitória na batalha de Ácio, “[...] celebra, Roma, o triunfo e, a salvo, suplica vida longa para Augusto!” (*Eleg.*, III, XXXI, 49-50).¹¹ Conforme Cardoso (2011, p. 78), no entanto, a “[...] adesão à causa de Augusto [...] só vai patentear-se no livro IV, concluído, supostamente, em 16 a.C.”. Na sexta elegia, Propércio oferece louvores ao imperador que remetem mais uma vez à vitória em Ácio: “[...] ó salvador do mundo desde os tempos de Alba Longa, Augusto, reconhecido como maior que os seus antepassados troianos, venceu no mar, e [agora] a terra é tua: o meu arco está do teu lado e cada flecha carregada em meu alforje te favorece” (*Eleg.*, IV, VI, 37-40).¹²

Tal exaltação imperial não é percebida nas obras de Álbio Tibulo, poeta nascido entre 54 e 50 a.C., pertencente ao círculo do patrono Valério Messala. Ao contrário dos outros autores, Tibulo manteve-se mais distante em sua relação com o imperador. “César” e “Augusto” são nomes que raramente aparecem nas suas elegias e as únicas delas em que questões políticas desempenham um papel importante são as endereçadas a Messala, aos deuses rústicos, à vida campestre e a Marco Aurélio Messalino, filho de Messala. E Tibulo também não faz alusão à história de Eneias ou mesmo ao *princeps* como seu descendente, tampouco sobre os prodígios da batalha de Ácio (Albrecht, 1997, p. 760).

¹⁰ [...] *aurea Phoebiporticus a magno Caesare aperta fuit. Tantam erat in speciem Poenis digesta columnis, inter quas Danaï femina turba senis. Hic equidem Phoebus visus mihi pulchrior ipsomarmoreus tacita carmen hiare lyra; [...] tum medium claro surgebat marmore templum, et patria Phoebus carius [...]*.

¹¹ [...] *cane, Roma, triumphum longum Augusto salva precare diem!*

¹² [...] *o Longa mundi servator ab Alba, Auguste, Hectoreis cognite maior auis, uince mari: iam terra tua est: tibi militat arcuset fauet ex umeris hoc onus omne meis.*

O *Corpus Tibullianum* é considerado pelos classicistas como uma antologia de poemas escritos por autores do círculo de Messala publicada após a morte deste. Luck (1982, p. 411-413) explica que o *Corpus* é composto por três livros de elegias: os dois primeiros atribuídos diretamente a Tibulo, devido à uniformidade de sua escrita, e o terceiro, composto por vinte poemas de estilos diferenciados, como, por exemplo, seis elegias de um poeta que se autodenominava Lígdamo e um panegírico anônimo em versos hexâmetros dedicado a Messala.

Para além dos autores até aqui tratados, um em especial mantém uma relação diferenciada e peculiar com o regime, o elegíaco Públio Ovídio Naso. Sua poesia não teve como foco central a exaltação das vitórias do imperador ou a gratidão ao “restaurador” da República. O propósito do poeta era desfrutar dos benefícios de uma Roma já pacificada, e não necessariamente relembrar o passado augustano, como o próprio afirma: “Que outros – não eu – exaltem o passado! Alegro-me por ter vindo ao mundo agora. Esta idade meu gosto satisfaz” (*Ars Am.*, III, 121-122).¹³

A figura imperial, todavia, não deixará de comparecer nos versos ovidianos, mas não como a de um salvador e sim como a de alguém responsável por adornar Roma com teatros e pórticos – os quais o poeta menciona como lugares perfeitos para se buscar a mulher amada (FARRELL, 2005, p. 54). A *Ars Amatoria*, publicada entre os anos I a.C. e I d.C., é justamente a obra que alude a tais construções – erigidas antes e durante a época de Augusto. Logo no primeiro livro dessa obra, Ovídio se refere ao Teatro de Pompeu, ao Teatro de Marcelo, ao *Circus Maximus*, ao Fórum Romano e ao Pórtico de Lívía: “O Pórtico igualmente não evites, de pinturas antigas adornado, a que chamam o Pórtico de Lívía por ter sido a Lívía consagrado” (*Ars Am.*, I, 71-72).¹⁴ Ao citar esses lugares, o poeta não se furta a mencionar que alguns monumentos comemoram vitórias de Augusto, ou foram erguidos para homenagear a esposa ou filha do soberano: “No Palatino debes visitar o templo do deus Febo [...] e os monumentos que ali edificaram a irmã e a mulher do imperador” (*Ars Am.*, III, 389-391).¹⁵

É muito interessante, contudo, que essa relação entre os edifícios e os seus evergetas não apareça em outra obra elegíaca de Ovídio, a saber, *Amores*. Neste trabalho, muitas oportunidades de celebrar o *princeps* são deixadas de lado pelo

¹³ *Prisca iuuent alios; ego me nunc denique natum Gratulor; haec aetas moribus apta meis.*

¹⁴ *Nec tibi uitetur quae, priscis sparsa tabellis, Porticus auctoris Liuiæ nomen habet.*

¹⁵ *Visite laurigero sacra Palatia Phoebæ [...] Quaque soror coniunxque ducis monumenta.*

poeta, cabendo a Augusto o foco em apenas vinte das 2.400 linhas existentes na coleção de versos elegíacos (White, 2002, p. 10).

Ovídio, ao citar uma pintura famosa no templo de César (*Am.*, I, 14, 33-34), não menciona o próprio soberano, e, ao comentar sobre o Templo de Apolo (*Am.*, II, 2, 3-4), não cita o nome daquele que mandou construí-lo. Pelo contrário, ao aludir ao templo de César, parece que o faz de forma depreciativa, pois zomba da vaidade humana em transfigurar alguns indivíduos em deuses:

Teu próprio gênio, ó espécie humana, tem sido o teu inimigo, e a tua inteligência tão superior a tua própria ruína. [...] Por que não aspiras aos céus, também, visando a um terceiro domínio? Onde tu possas, proceder aos céus bem como – Quirino [que] já tem seu templo, e Líber, e Alcides, e César agora (*Am.*, III, 8, 45-52).¹⁶

Do conjunto da obra ovidiana, é, porém, nos *Fasti* que mais claramente emerge a figura imperial. Ao trabalhar com as festas romanas, o poeta pôde, de diversas maneiras, prestar sua homenagem a Augusto. Logo no proêmio do livro anuncia que irá cantar “[...] os ritos sagrados e feriados acrescentados ao calendário [por César]” (*F.*, II, 7).¹⁷ Tais ritos e feriados, contudo, não são mencionados em sua totalidade. Segundo White (2002, p. 20-22), devido talvez ao grande número de festas dedicadas ao *princeps*, Ovídio tenha ocultado, ou simplesmente ignorado, a ligação de Augusto com uma determinada festividade. Desse modo, o poeta parece ter continuado com a estratégia adotada nos *Amores*: associar o imperador ao conjunto de seu projeto poético, sem colocá-lo, todavia, no centro das atenções.

Vale a pena mencionar, enfim, uma distinção significativa no posicionamento político dos autores integrantes da assim denominada “literatura augustana”. Um primeiro grupo, como vimos, pode ser caracterizado pela exaltação das conquistas e da imagem do soberano. Nesse sentido, Virgílio foi o poeta que mais se aproximou do governo imperial. Sua contribuição literária é percebida quando, na *Eneida*, articula o lendário e o real para representar o soberano como divino. Horácio, por sua vez, também demonstra claramente seu apoio ao regime quando, no *Carmem Saeculare*, por exemplo, revela aos leitores que as virtudes dos deuses também poderiam ser buscadas no “bravo Augusto”. Um segundo grupo, composto por Propércio e Tibulo,

¹⁶ *Contra te sollers, hominum natura, fuisti et nimirum damnis ingeniosa tuis. [...] Cur non et caelum, tertia regna, petis? Qua licet, adfectas caelum quoque templa Quirinus, Liber et Alcides et modo Caesar habent.*

¹⁷ *Idem sacra cano signataque tempora fastis.*

produziu uma modulação na ênfase das homenagens ao *princeps*, não o elegendo como tema central de suas obras. Aliás, Propércio foi o primeiro poeta a advertir acerca da necessidade de haver em Roma mais indivíduos interessados em saciar seus corpos com vinho do que tê-los consumidos pela guerra. Tibulo, por seu turno, também seguiu o mesmo caminho, celebrando os prazeres da vida frugal do campo. Por fim, temos Ovídio, em cujos versos a Roma Imperial parecer ser maior e mais importante que o imperador. No que tange ao vínculo entre poder e literatura, propôs uma abordagem diversa de todos os seus predecessores. Sua intenção foi a de narrar, principalmente, os prazeres oferecidos pela cidade bem como as possibilidades de encontros amorosos nos monumentos e nas festividades da *Urbs*. Em outras palavras, sua intenção foi traduzir como as diversas camadas sociais se organizavam não somente em termos políticos, mas também em termos de sexualidade.

Bibliografia

Fontes

HORATIUS. *Carmen Saeculare*. Disponível em: <<http://www.uvm.edu/~classics/latindays/latinday2000/translation.html>>. Acesso em: 3 ago. 2014.

_____. *Carmen Saeculare*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/horace/carmsaec.shtml>>. Acesso em: 3 ago. 2014.

_____. *Odes*. Trans. by Jeffrey H. Kaimowitz. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2008.

OVÍDIO. *Arte de amar*. Trad. de Antônio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1862.

_____. *Arte de amar*. Trad. de Natália Correia e David M. Ferreira. 2. ed. São Paulo: *Ars Poetica*, 1992.

_____. *Fasti*. Trans. by James George Frazer. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

_____. *Heroides and Amores*. Trans. by Grant Showerman. London: The Loeb Classical Library, 1931.

PROPERTIUS, S. *Elegias*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/97268006/Propertio-Sexto-Elegias-bilingue>>. Acesso em: 2 ago. 2014.

_____. *Elegies*. Trans. by David R Slavitt. Berkeley: University of California Press, 2002.

VIRGIL. *Eclogues, Georgics and Aeneid*. Trans. by H. Rushton Fairclough. London: The Loeb Classical Library, 1950.

Livros e artigos

ALBRECHT, M. V. *A history of Roman literature: from Livius Andronicus to Boethius*. Leiden: E. J. Brill, 1997. v. 1.

CARDOSO, Z. L. V. de A. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CITRONI, M. Poetry in augustan Rome. In: KNOX, P. E. (Ed.). *A Companion to Ovid*. Malden: Wiley-Blackwell, 2009. p. 8-25.

CONTE, G. B. *Latin literature: a history*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

FARRELL, J. The augustan period: 40 BC - AD 14. In: HARRISON, S. (Ed.). *A Companion to Latin Literature*. Oxford: Blackwell, 2005. p. 44-57

FRANK, T. The Carmen Saeculare of Horace. *The American Journal of Philology*, v. 42, p. 324-329, 1921.

GRIFFIN, J. Augustan poetry and augustanism. GALINSKY, K. (Ed.). *The Cambridge Companion to the age of Augustus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 306-320.

GRIMAL, P. *A civilização romana*. Lisboa: Edições 70, 2009.

_____. *O século de Augusto*. Lisboa: Edições 70, 2008.

LUCK, G. Love elegy. In: KENNET, J. E; CLAUSEN, W. V. (Eds.). *The Cambridge history of classical literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 405-419.

MARINHO, L. A. F. *O escudo de Eneias como representação do discurso político de Augusto*. 2010. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MARTINO, L. M. Augusto y el “mos maiorum” en el “Carmen Saeculare” de Horacio. *Circe*, n. 10, p. 217-228, 2005-2006.

MYERS, K. S. Imperial poetry. In: POTTER, D. S. (Ed.). *A Companion to the Roman Empire*. Oxford: Blackwell, 2006. p. 439-452.

SILVA, G. V. Política, ideologia e arte poética em Roma: Horácio e a criação do Principado. *Politeia, Vitória da Conquista*, v. 1, p. 29-52, 2001.

SYME, R. *Roman revolution*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

WALLACE-HADRILL, A. The imperial court. In: K. BOWNMAN, A. K.; CHAMPLIM, E.; LINTOTT, A. (Eds.). *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 283-308. vol X.

WHITE, P. Ovid and the augustan milieu. In: BOYD, B. W. (Ed.). *Brill's Companion to Ovid*. Leiden: Brill, 2002. p. 1-25.